

JENNIFER NIVEN

**POR
LUGARES
INCRÍVEIS**

Tradução

ALESSANDRA ESTECHE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Jennifer Niven

Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's Books, uma divisão da Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL All the Bright Places

CAPA E MAPA Alceu Chiesorin Nunes

ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO Estúdio Anêmona

PREPARAÇÃO Thais Rimkus

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Niven, Jennifer

Por lugares incríveis / Jennifer Niven ; tradução Alessandra Esteche. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: All the Bright Places.
ISBN 978-85-65765-57-2

1. Ficção juvenil I. Título.

14-12291

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

FINCH

ESTOU DESPERTO MAIS UMA VEZ. DIA 6.

Será que hoje é um bom dia para morrer?

Eu me pergunto isso todas as manhãs quando acordo. E durante a terceira aula, quando tento manter os olhos abertos enquanto o sr. Schroeder fala sem parar. À mesa de jantar, ao passar a salada. E à noite, na cama, sem sono porque meu cérebro não desliga.

Hoje é o dia?

E, se não hoje, quando?

Estou me perguntando agora, em pé sobre um murinho estreito a seis andares de altura. É tão alto que praticamente me sinto no céu. Olho para a calçada lá embaixo e o mundo se inclina. Fecho os olhos e sinto tudo girar. Talvez desta vez eu vá em frente, deixe o ar me levar para longe. Será como flutuar em uma piscina, adormecendo até que não exista nada.

Não me lembro de ter subido até aqui. Na verdade, não me lembro de quase nada antes de domingo, pelo menos nada do que aconteceu neste inverno. Acontece comigo direto — apagar, acordar. Sou como aquele velho barbudo, Rip van Winkle. Num instante você me vê, no outro não. Talvez eu já devesse ter me acostumado, mas essa última vez foi a pior de todas, porque não fiquei adormecido por dois ou três dias nem uma ou duas semanas... Apaguei durante as festas de fim de ano *inteiras*, ou seja, Ação de Graças, Natal e Ano-Novo. Não sei dizer o que houve de diferente, mas, quando acordei, me sentia mais morto que o habitual. Acordado, sim; mas completamente vazio, como se alguém

tivesse drenado meu sangue. Hoje é o sexto dia desde que despertei, e esta é a minha primeira semana no colégio desde 14 de novembro.

Abro os olhos e o chão ainda está lá, duro e estático. Estou na torre do sino do colégio, em pé sobre a borda que tem mais ou menos dez centímetros de largura. A torre é bem pequena, talvez não tenha nem um metro de piso ao redor do sino, e há esse parapeito baixo, de pedra, que escalei para chegar aqui. De vez em quando bato a perna contra o parapeito só pra lembrar que ele está ali.

Estendo os braços como se estivesse dando um sermão e toda esta cidadezinha chatíssima fosse minha congregação.

— Senhoras e senhores — grito —, gostaria de apresentar-lhes a minha morte!

Talvez o esperado fosse dizer “vida”, já que acabei de despertar, mas é exatamente quando estou desperto que penso em morrer.

Grito como um velho pregador, sacudindo a cabeça e enrolando o final das palavras, e quase perco o equilíbrio. Me seguro no parapeito atrás de mim, feliz porque ninguém parece notar; verdade seja dita, é difícil parecer destemido quando se está agarrado a um parapeito como um frangote.

— Eu, Theodore Finch, por não estar em pleno gozo das minhas faculdades mentais, por meio desta lego meus bens a Charlie Donahue, Brenda Shank-Kravitz e minhas irmãs. Todas as outras pessoas podem se f... — Lá em casa, desde cedo minha mãe nos ensinou a usar esse palavrão (quando for *de fato* necessário), mas sempre só a primeira letra. Infelizmente, o costume pegou.

Apesar de o sinal já ter tocado, alguns alunos permanecem no pátio. Estamos na primeira semana do segundo semestre do último ano e a maioria age como se já estivesse se formando. Um garoto olha na minha direção, como se tivesse me ouvido, mas os outros não, porque não me viram ou porque sabem que estou aqui e *Ah, é só o Theodore Aberração*.

Então ele olha para o outro lado e aponta para o céu. De início, acho que está apontando para mim, mas então a vejo. A garota está a alguns metros de distância, do outro lado da torre, também na beirada,

cabelo loiro escuro balançando ao vento, a barra da saia inflando como um paraquedas. Apesar de ser inverno em Indiana, ela está descalça, de meia-calça, segurando as botas e olhando fixo para os pés ou para o chão... não sei dizer. Parece paralisada.

Com minha voz normal, não a de pregador, digo, o mais calmamente possível:

— Vai por mim, o pior que você pode fazer é olhar pra baixo.

Bem devagar, ela vira a cabeça na minha direção, e eu percebo que a conheço, que já a vi pelos corredores. Não resisto e pergunto:

— Vem sempre aqui? Porque esse lugar é como se fosse a minha casa, e não me lembro de ter visto você aqui.

Ela nem pisca, só olha pra mim por trás daqueles óculos grossos que quase cobrem o rosto inteiro. Tenta dar um passo para trás, mas seu pé bate no parapeito. Ela se desequilibra um pouco e, antes que entre em pânico, eu digo:

— Não sei por que veio, mas pra mim a cidade fica mais bonita vista daqui, e as pessoas parecem melhores... mesmo as piores parecem quase gentis. Tirando o Gabe Romero e a Amanda Monk e toda aquela galera com quem você anda.

O nome dela é Violet Alguma Coisa. Ela é superpopular — uma dessas garotas que a gente jamais imaginaria encontrar em um parapeito a seis andares do chão. Atrás dos óculos ridículos, ela é bonita, quase uma boneca de porcelana. Olhos grandes, rosto delicado em formato de coração, boca esboçando um sorriso perfeito. Ela é do tipo que sai com caras como Ryan Cross, destaque do time de beisebol, e senta com Amanda Monk e outras meninas populares no almoço.

— Mas não estamos aqui por causa da vista. Você é a Violet, não é? Ela pisca uma vez, e eu encaro como “sim”.

— Theodore Finch. Acho que estávamos na mesma turma de matemática no ano passado.

Ela pisca de novo.

— Odeio matemática, mas não foi por isso que subi aqui. Sem ofensa, se for esse seu motivo. Você deve ser melhor em exatas que eu,

porque quase todo mundo é, mas tudo bem, não tenho problemas com isso. Sabe, eu me destaco em coisas mais importantes... guitarra, sexo e decepcionar meu pai constantemente, por exemplo. Aliás, parece que é verdade que não serve pra nada na vida. A matemática, quero dizer.

Continuo falando, sem perceber que minhas forças estão se esvaindo. Primeiro, preciso fazer xixi, então minhas palavras não são a única coisa querendo sair. (*Nota mental: Antes de tentar se matar, lembrar de tirar água do joelho.*) Segundo, está começando a chover e, a essa temperatura, a chuva provavelmente vira granizo antes de alcançar o chão.

— Está começando a chover — digo, como se ela não soubesse. — Acho que podemos considerar que a água vai lavar o sangue, então a sujeira vai ser menor. É a parte da sujeira que me intriga. Não sou vaidoso, mas sou humano; não sei quanto a você, mas não quero que, ao me ver no velório, as pessoas pensem que fui triturado por uma máquina de serragem.

Ela está tremendo de frio ou de nervoso, não sei dizer, então me aproximo devagar, torcendo pra não cair antes de chegar lá, porque a última coisa que quero é me fazer de idiota na frente dessa garota.

— Deixei claro que quero ser cremado, mas minha mãe não acredita nisso.

E meu pai faz tudo o que ela manda pra ela não ficar mais irritada do que normalmente é e, além do mais, *Você é muito novo pra pensar nisso, você sabe que a vovó viveu até os noventa e oito anos. Não precisamos falar disso agora, Theodore, não chateie sua mãe.*

— Então meu caixão vai estar aberto, o que significa que, se eu pular, não vai ficar nada bonito. Além do mais, eu meio que gosto do meu rosto assim, dois olhos, um nariz, uma boca, todos os dentes... que, pra ser honesto, são uma das minhas melhores qualidades. — Sorrio pra ela conferir. Tudo em seu devido lugar, pelo menos do lado de fora.

Como ela não diz nada, continuo me aproximando e conversando.

— Acima de tudo, tenho pena do agente funerário. Já deve ser um trabalho de merda, aí imagina ter que lidar com um imbecil como eu?

Lá de baixo, alguém grita:

— Violet? É a Violet lá em cima?

— Ai, meu Deus — ela diz, tão baixo que eu mal consigo ouvir. — Ai-meu-Deus-ai-meu-Deus-ai-meu-Deus. — O vento sopra contra sua saia e seu cabelo e parece que ela vai voar para longe.

Começa um burburinho lá embaixo, e eu grito:

— Não tente me salvar! Você vai acabar se matando!

Depois digo bem baixinho, só pra ela:

— Acho que devemos fazer o seguinte... — Estou a mais ou menos um passo dela agora. — Jogue as botas em direção ao sino e agarre o parapeito, agarre pra valer, e, assim que conseguir, se apoie nele e passe o pé direito por cima. Entendeu?

— Tá bom. — Ela faz que sim com a cabeça e quase perde o equilíbrio.

— Não balance a cabeça.

— Tá bom.

— E não vá para o lado errado nem dê um passo à frente em vez de um passo atrás. Vou contar e você vai no três. Tudo bem?

— Tudo bem. — Ela joga as botas em direção ao sino e elas caem fazendo *tum tum* no concreto.

— Um. Dois. Três.

Ela agarra a pedra e meio que se escora nela e então levanta a perna e a passa por cima até sentar no parapeito. Olha para o chão, e eu percebo que está paralisada de novo, então digo:

— Ótimo. Muito bom. Só pare de olhar pra baixo.

Ela desvia o olhar pra mim devagar e tenta alcançar o chão da torre com o pé direito. Assim que alcança, digo:

— Agora passe a perna esquerda do jeito que conseguir. Não solte do parapeito. — Neste momento, ela está tremendo tanto que eu escuto os dentes batendo, mas vejo o pé esquerdo se juntar ao direito, e ela está a salvo.

Agora só eu estou do lado de fora. Olho para baixo uma última vez, para além dos pés tamanho quarenta e cinco que não param de crescer — hoje estou usando tênis com cadarço fluorescente —, para

além das janelas abertas do quarto andar, do terceiro, do segundo, além de Amanda Monk, que está cacarejando na escadaria em frente ao prédio e balançando o cabelo loiro como se fosse um pônei, com os livros sobre a cabeça, tentando chamar a atenção e se proteger da chuva ao mesmo tempo.

Passando por tudo isso, olho para o chão, que está liso e úmido, e me imagino deitado lá.

Eu poderia simplesmente dar um passo à frente. Em segundos, acabaria com tudo. Nunca mais “Theodore Aberração”. Nunca mais dor. Nunca mais nada.

Tento contornar a interrupção inesperada para salvar uma vida e voltar ao que estava fazendo. Por um minuto, sinto uma paz conforme minha mente se aquieta, como se eu já estivesse morto. Estou leve e livre. Nada e ninguém a temer, nem eu mesmo.

Então, uma voz atrás de mim diz:

— Quero que você agarre o parapeito e, assim que conseguir, se apoie nele e passe o pé direito por cima.

Simple assim, sinto o momento passar, talvez já tenha passado, e agora parece uma ideia idiota, a não ser pelo fato de imaginar a cara da Amanda quando eu caísse perto dela. Esse pensamento me faz rir. Rio tanto que quase perco o equilíbrio, e isso me assusta — tipo, me assusta mesmo — então me apoio no parapeito e Violet me segura enquanto Amanda olha pra cima.

— Alopado! — alguém grita.

O grupinho da Amanda ri. Ela faz uma concha com a mão ao lado da boca e olha pra cima.

— Você está bem, V?

Violet se inclina sobre o parapeito, ainda segurando minhas pernas.

— Estou.

A porta no topo das escadas da torre se abre e meu melhor amigo, Charlie Donahue, aparece. Charlie é negro. Bem negro mesmo. E faz mais sexo do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Como se eu não estivesse em pé no parapeito a seis andares do chão, com os braços abertos e uma garota agarrada nos meus joelhos, ele diz:

— Eles estão servindo pizza hoje.

— Por que não acaba com isso de uma vez, aberração? — Gabe Romero, mais conhecido como Roamer, mais conhecido como Babaca, grita lá de baixo. Mais risadas.

Porque tenho um encontro com a sua mãe mais tarde, penso, mas não digo, porque, sejamos honestos, é uma resposta ridícula, e também porque ele poderia subir e bater na minha cara e me jogar daqui, o que estraga a ideia de eu mesmo fazer isso.

Em vez disso, agradeço.

— Obrigado por me salvar, Violet. Não sei o que faria se você não tivesse vindo. Acho que estaria morto.

O último rosto que vejo lá embaixo é o do meu orientador pedagógico, o sr. Embry. Quando ele olha pra mim, penso: *Ótimo. Maravilha.*

Violet me ajuda a pular o parapeito e chegar no concreto. Lá embaixo, alguns aplausos, não pra mim, mas pra ela, a heroína. De perto, consigo ver que sua pele é lisa e clara, exceto por duas pintas na bochecha direita, e que seus olhos são de um verde-cinza que lembra o outono. São os olhos que me prendem. São grandes e impressionantes, como se pudessem ver tudo. Por mais que sejam ternos, são inquietos, um olhar direto, do tipo que enxerga você por dentro, o que percebo claramente, mesmo através dos óculos. Ela é bonita e alta, mas não muito alta, com pernas longas e quadril curvilíneo, que eu acho atraente. Muitas garotas do ensino médio parecem meio meninos.

— Eu só estava sentada ali — ela diz. — No parapeito. Não subi aqui pra...

— Deixa eu te perguntar uma coisa: você acha que existe um dia perfeito?

— O quê?

— Um dia perfeito. Do início ao fim. Quando nada de terrível ou triste ou comum acontece. Você acha que é possível?

— Não sei.

— Você já teve um?

— Não.

— Também nunca tive, mas estou em busca dele.

Ela sussurra:

— Obrigada, Theodore Finch.

Fica na ponta dos pés e me dá um beijo no rosto, e sinto o cheiro do xampu, que lembra flores. Então, diz no meu ouvido:

— Se contar a verdade a alguém, mato você.

Segurando as botas, ela se afasta correndo pra se proteger da chuva, voltando à porta que dá nas escadas escuras e instáveis que levam a um dos muitos corredores iluminados e abarrotados da escola.

Charlie fica olhando pra ela e, quando a porta fecha, vira pra mim.

— Cara, por que você faz isso?

— Porque todos vamos morrer um dia. Eu só quero estar preparado.

Esse não é o motivo, claro, mas a explicação foi suficiente pra ele. A verdade é que existem muitos motivos, que mudam diariamente, como as treze crianças assassinadas no início desta semana quando um FDP entrou atirando no ginásio de uma escola, ou a garota dois anos mais nova que eu que acabou de morrer de câncer, ou o homem que eu vi chutando um cachorro na frente do shopping, ou simplesmente meu pai.

Charlie pode até pensar que sou aloprado, mas não diz nada, por isso é meu melhor amigo. Tirando esse fato, não temos muito em comum.

Tecnicamente, este ano estou sob provação. Isso se deve a uma bobagem envolvendo uma mesa e uma lousa. (Só pra constar, uma lousa custa mais caro do que se imagina.) Também se deve a um incidente com uma guitarra em um evento escolar, ao uso ilegal de fogos de artifício e talvez a uma ou duas brigas. Como resultado, tive de concordar com o seguinte: aconselhamento semanal; manter média B; e participar de pelo menos uma atividade extracurricular. Escolhi crochê porque sou o único cara no meio de vinte garotas até que bonitas, o que considerei uma boa oportunidade. Também tenho que me comportar, interagir bem com os outros, me abster de atirar mesas por aí e de entrar

em quaisquer “disputas físicas violentas”. E devo sempre, sempre, não importa o que eu faça, segurar a língua, porque não segurar, aparentemente, é o início dos problemas. Se eu f... com alguma coisa a partir de agora, é expulsão.

Na sala de orientação pedagógica, falo com a secretária e sento em uma das cadeiras desconfortáveis de madeira até que o sr. Embry esteja pronto para me atender. Se bem conheço o Embrião — é como o chamo secretamente —, e de fato o conheço, ele vai querer saber exatamente o que diabos eu estava fazendo na torre do sino. Se eu tiver sorte, não teremos tempo pra falar sobre mais nada.

Em poucos minutos ele me chama. É um homem baixo e troncado como um touro. Ao fechar a porta, desfaz o sorriso. Senta, se debruça sobre a mesa e fixa os olhos em mim como se eu fosse um suspeito a interrogar.

— Que diabos você estava fazendo na torre?

O que eu gosto no Embrião é que, além de ser previsível, ele vai direto ao ponto. Nós nos conhecemos desde que eu estava no segundo ano.

— Queria apreciar a vista.

— Estava pensando em se jogar?

— Não no dia de pizza, que é um dos melhores cardápios da semana.

Devo mencionar que sou um brilhante desviador de assunto. Tão brilhante que conseguiria bolsa integral na faculdade pra me formar nisso, mas pra quê? Já sou mestre nessa arte mesmo.

Espero ele perguntar sobre Violet, mas em vez disso ele diz:

— Preciso saber se você planejava ou está planejando se matar. Estou falando muito sério. Se o diretor Wertz souber disso, você estará fora daqui antes que consiga dizer “suspensão”. Isso sem falar que, se eu não prestar atenção e você decidir voltar lá em cima e pular, vou ser processado, e com o salário que eles me pagam, acredite, não tenho dinheiro para me defender judicialmente. Isso vai acontecer se você pular da torre do sino ou de qualquer outra torre, seja propriedade da escola ou não.

Passo a mão no queixo, como se estivesse imerso em algum pensamento.

— Uma torre fora do colégio. É uma ótima ideia.

Ele não mexe um músculo, só me encara estreitando os olhos. Como a maioria das pessoas do Meio-Oeste, o Embrião não tem senso de humor, principalmente no que se refere a temas delicados.

— Não é engraçado, sr. Finch. Não é assunto para piada.

— Não, senhor. Me desculpe.

— Os suicidas não pensam no próprio velório. Nem nos pais, irmãs, amigos, namoradas, colegas, professores.

Gosto como ele parece achar que tenho tantas, tantas pessoas dependendo de mim, incluindo não apenas uma, mas várias namoradas.

— Eu só estava brincando. Concordo que provavelmente não foi o melhor jeito de matar a primeira aula.

Ele pega uma pasta e joga com força na mesa e começa a folhear os arquivos. Eu espero, e então ele olha pra mim de novo. Me pergunto se está contando os dias para as férias de verão.

Fica em pé, como um policial de filme, e dá a volta na mesa até chegar perto de mim. Se apoia nela, com os braços cruzados, e eu olho atrás dele, procurando pelo espelho falso escondido.

— Preciso chamar sua mãe?

— Não. E repito: não. — *Não, não, não.* — Olha só, foi uma coisa idiota. Eu só queria ver qual é a sensação de subir lá e olhar pra baixo. Nunca pularia da torre do sino.

— Se acontecer de novo, se você *cogitar* fazer isso de novo, vou ligar pra ela. E você vai fazer um exame toxicológico.

— Obrigado pela preocupação, senhor. — Tento parecer o mais sincero possível, porque a última coisa que quero é um holofote maior e mais brilhante em cima de mim, me seguindo pelos corredores da escola, pela vida. E, na verdade, gosto do Embrião. — Quanto a essa questão das drogas, não precisa perder seu tempo precioso. De verdade. A não ser que cigarro conte. Drogas? Não me dou muito bem com elas. Acredite, já experimentei. — Cruzo as mãos como um bom menino.

— Quanto à torre do sino, apesar de não ter sido, de jeito nenhum, o que você está pensando, prometo que não vai acontecer de novo.

— Isso mesmo... não vai. E quero você aqui duas vezes por semana. Você vem segunda e sexta e conversa comigo pra eu ver como está indo.

— Ficaria feliz em vir, senhor. Eu gosto muito dessas conversas, sabe, mas estou bem.

— Não é negociável. Agora vamos falar sobre o fim do semestre passado. Você perdeu quatro, quase cinco semanas de aula. Sua mãe me disse que você estava gripado.

Na verdade, quem disse foi minha irmã, Kate, mas ele não sabe disso. Foi ela que ligou para a escola enquanto eu estava apagado, porque minha mãe já tem muito com que se preocupar.

— Se é isso o que ela diz, quem somos nós para discutir?

A verdade é que eu estava mesmo doente, mas não com uma simples gripe. De acordo com minha experiência, as pessoas são muito mais compreensivas se conseguem *ver* a sua doença, e pela milionésima vez na vida eu desejei ter sarampo ou varíola ou alguma outra coisa facilmente verificável só pra ficar mais fácil pra mim e pra todo mundo. Qualquer coisa seria melhor que a verdade: *Desliguei de novo. Apaguei. Num minuto, tudo estava girando e, no instante seguinte, minha mente se arrastava em círculos, como um cão velho com artrite tentando se deitar. Então simplesmente desliguei e dormi, mas não como você faz todas as noites. Pense em um sono longo e profundo, durante o qual você nem sonha.*

Mais uma vez, o Embrião estreita os olhos e me encara, tentando captar alguma hesitação.

— Posso acreditar que você vai vir e vai ficar longe de problemas este semestre?

— Com certeza.

— E que vai fazer os trabalhos?

— Sim, senhor.

— Vou combinar o exame toxicológico com a enfermeira. — Ele aponta pra mim num gesto brusco. — Provação significa “período para

testar a adequação de uma pessoa; período em que a pessoa precisa melhorar”. Se não acredita em mim, pesquise e, pelo amor de Deus, fique vivo.

O que não digo é o seguinte: quero viver. E o motivo para não dizer é que, considerando a pasta repleta de ocorrências na frente dele, o sr. Embry jamais acreditaria em mim. E tem outra coisa na qual ele não acreditaria: estou lutando para permanecer neste mundo caótico de merda. Ficar no parapeito da torre do sino não é pra morrer. É pra ter controle. É pra nunca mais dormir de novo.

O Embrião procura pela mesa e reúne uma pilha de panfletos para “adolescentes problemáticos”. Então me diz que não estou sozinho e que posso conversar com ele sempre, que sua porta está aberta, que ele está ali e que me espera na segunda. Quero dizer “sem ofensa, mas isso não me conforta muito”. Mas simplesmente agradeço, por causa de suas olheiras e rugas de fumante ao redor da boca. Provavelmente vai acender um cigarro assim que eu sair. Pego alguns panfletos e o deixo com seu cigarro. Ele nem mencionou Violet, ainda bem.

VIOLET

154 DIAS PARA A FORMATURA

Manhã de sexta. Escritório da sra. Marion Kresney, orientadora pedagógica, que tem olhos pequenos e gentis e um sorriso que quase não cabe no rosto. De acordo com o certificado pendurado na parede, ela trabalha no colégio Bartlett há quinze anos. Esta é nossa décima segunda reunião.

Meu coração está acelerado e minhas mãos ainda tremem por ter subido no parapeito da torre do sino. Meu corpo inteiro está gelado e tudo o que eu quero é deitar. Espero a sra. Kresney dizer: *Eu sei o que você estava fazendo na primeira aula, Violet Markey. Seus pais estão vindo pra cá. Médicos estão de prontidão para levá-la ao instituto psiquiátrico mais próximo.*

Mas começamos como sempre.

— Como você está, Violet?

— Estou bem, e você? — Sento sobre as mãos.

— Também. Mas vamos falar de você. Quero saber como está se sentindo.

— Tudo bem. — Só porque ela não tocou no assunto, não quer dizer que não saiba. Ela quase nunca pergunta as coisas diretamente.

— Como tem dormido?

Os pesadelos começaram um mês depois do acidente. Ela pergunta sobre isso sempre que nos vemos, porque cometi o erro de contar pra minha mãe, que contou pra ela. Esse é um dos principais motivos pelos quais estou aqui e a razão pela qual parei de falar as coisas pra minha mãe.

— Tenho dormido bem.

A sra. Kresney sempre sorri, não importa o que aconteça. Gosto disso nela.

— Algum sonho ruim?

— Não.

Eu costumava escrever sobre meus pesadelos, mas não escrevo mais. Lembro cada detalhe. Como o que tive há quatro semanas, em que eu estava literalmente derretendo. No sonho, meu pai me disse: “Você chegou ao fim, Violet. Chegou ao limite. Todos temos um limite, e o seu é este”. *Mas eu não quero que seja.* Vi meus pés virarem poças e desaparecerem. Depois foram as mãos. Não doía, e me lembro de pensar: *Eu não deveria me importar, porque não dói. Só estou desaparecendo.* Mas eu me importei quando, membro a membro, o resto de mim sumiu antes que eu acordasse.

A sra. Kresney se mexe na cadeira, com o sorriso fixo no rosto. Me pergunto se ela sorri enquanto dorme.

— Vamos conversar sobre a faculdade.

Durante essa mesma época, no ano passado, eu adoraria conversar sobre a faculdade. Eleanor e eu costumávamos fazer isso de vez em quando, depois que nossos pais iam dormir. Se a temperatura estivesse agradável, sentávamos do lado de fora; quando fazia frio, ficávamos dentro de casa mesmo. Imaginávamos os lugares para onde iríamos e as pessoas que conheceríamos, bem longe de Bartlett, Indiana, população de 14983 habitantes, onde nos sentíamos extraterrestres de algum planeta distante.

— Você se inscreveu na UCLA, Stanford, Berkeley, Universidade da Flórida, Universidade de Buenos Aires, Universidade do Norte Caribenho e Universidade Nacional de Cingapura. É uma lista bem abrangente, mas e a NYU?

Desde as férias de verão antes do sétimo ano, o curso de escrita criativa da NYU era meu sonho. Isso porque visitei Nova York com a minha mãe, que é professora universitária e escritora. Ela fez pós-graduação na NYU e durante três semanas nós quatro visitamos a cidade e

conhecemos seus antigos professores e colegas — romancistas, dramaturgos, roteiristas, poetas. Meu plano era me inscrever para a admissão antecipada, em outubro. Então o acidente aconteceu e mudei de ideia.

— Perdi a inscrição. — O prazo para admissão regular foi há uma semana. Preenchi tudo, até escrevi a dissertação, mas não enviei.

— Vamos conversar sobre sua escrita. Vamos conversar sobre o site.

Ela está falando do eleanoreviolet.com. Eleanor e eu começamos o site quando viemos morar em Indiana. Queríamos criar uma revista on-line que oferecesse duas visões (muito) diferentes sobre moda, beleza, garotos, livros, a vida em geral. Ano passado, Gemma Sterling (estrela da websérie *Rant*), amiga de Eleanor, mencionou nosso site em uma entrevista, e o número de seguidores triplicou. Mas eu não encostei mais nele desde que Eleanor morreu. Afinal, qual seria o objetivo? Era um site sobre irmãs. Além do mais, naquele instante em que atravessamos a barra de proteção, minhas palavras também morreram.

— Não quero falar sobre o site.

— Soube que sua mãe é escritora. Ela deve dar várias dicas.

— Jessamyn West disse: “Escrever é tão difícil que os autores, tendo passado o inferno na Terra, escaparão de qualquer punição depois”.

Ela fica instigada com a citação.

— Você acha que está sendo punida?

Ela está falando do acidente. Ou talvez esteja se referindo a estar aqui nesta sala, neste colégio, nesta cidade.

— Não.

Se eu sinto que deveria ser punida? Sim. Por que mais eu teria cortado a franja?

— Você acha que é responsável pelo que aconteceu?

Arrumo a franja. Está torta.

— Não.

Ela recosta na cadeira. O sorriso desliza uma fração de centímetro. Nós duas sabemos que estou mentindo. Me pergunto o que ela diria se eu contasse que há uma hora estavam me convencendo a sair do parapeito da torre do sino. Agora, tenho quase certeza de que ela não sabe.

— Você já voltou a dirigir?

— Não.

— Já andou de carro com seus pais?

— Não.

— Mas eles querem que você ande. — Isso não é uma pergunta. Ela fala como se tivesse conversado com um deles, ou com os dois, o que provavelmente aconteceu.

— Não estou pronta. — Essas são as três palavras mágicas. Descobri que podem me livrar de praticamente qualquer coisa.

Ela se inclina para a frente.

— Já pensou em voltar para a equipe de torcida?

— Não.

— Grêmio estudantil?

— Não.

— Ainda toca flauta na orquestra?

— Sou a última cadeira. — Essa é uma coisa que não mudou desde o acidente. Sempre fui a última cadeira porque não sou muito boa na flauta.

Ela se encosta de novo. Por um momento penso que está desistindo. Então, diz:

— Estou preocupada, Violet. Sinceramente, você já deveria ter melhorado um pouco mais. Você não pode evitar carros pra sempre, principalmente agora no inverno. Não pode parar no tempo. Precisa lembrar que é uma sobrevivente, e isso quer dizer que...

Nunca vou saber o que isso quer dizer porque, assim que ouço a palavra “sobrevivente”, levanto e saio.

A caminho da quarta aula. Corredor da escola.

Pelo menos quinze pessoas — algumas eu conheço, outras não, outras não conversam comigo há meses — me param no caminho até a sala para me dizer como fui corajosa de evitar que Theodore Finch se matasse. Uma das garotas do jornal do colégio quer fazer uma entrevista.

De todas as pessoas que eu poderia ter “salvado”, Theodore Finch é a pior escolha, porque é uma lenda do Bartlett. Não o conheço muito bem, mas já ouvi falar dele. Todo mundo já ouviu falar dele. Algumas pessoas o odeiam porque acham que ele é esquisito e se mete em brigas e toma suspensão e faz o que quer. Algumas pessoas o idolatram porque acham que ele é esquisito e se mete em brigas e toma suspensão e faz o que quer. Ele toca guitarra em cinco ou seis bandas diferentes e, no ano passado, gravou uma música. Ele é meio... radical. Tipo, um dia veio pra aula pintado de vermelho da cabeça aos pés, e nem era dia de jogo. Falou pra algumas pessoas que estava protestando contra o racismo e pra outras que estava protestando contra o consumo de carne. No primeiro ano, apareceu de capa durante um mês inteiro, quebrou uma lousa no meio com uma mesa e roubou os sapos do laboratório de biologia e fez um funeral para eles antes de enterrá-los no campo de beisebol. A grande Anna Faris uma vez disse que o segredo para sobreviver ao ensino médio é “ficar de boa”. Finch faz o contrário disso.

Chego cinco minutos atrasada para a aula de literatura russa, na qual a sra. Mahone está passando um trabalho de dez páginas sobre *Os irmãos Karamazov*. Todos reclamam, menos eu, porque apesar do que a sra. Kresney parece pensar, tenho minhas circunstâncias atenuantes.

Nem escuto quando a sra. Mahone explica o que devemos fazer. Em vez disso, arrancho um fio solto da saia. Estou com dor de cabeça. Provavelmente por causa dos óculos. A miopia de Eleanor era mais alta que a minha. Tiro os óculos e os apoio na mesa. Ficavam estilosos nela. Ficam feios em mim. Principalmente agora que tenho franja. Talvez, se usá-los o bastante, eu consiga ser como ela. Consiga ver o que ela via. Talvez eu seja nós duas ao mesmo tempo, e ninguém vai sentir falta dela, nem mesmo eu.

Tenho dias bons e dias ruins. Quase me sinto culpada por dizer que não são todos ruins. Alguma coisa me pega desprevenida — um programa na tv, uma piada do meu pai, um comentário na aula — e rio como se nada tivesse acontecido. Volto ao normal, o que quer que “normal” signifique. Algumas manhãs acordo e me pego cantarolando enquanto

me arrumo. Ou aumento o volume do rádio e danço. Na maior parte dos dias, vou andando pra aula. Em outros, pego a bicicleta, e às vezes minha cabeça me engana e penso que sou só uma garota comum dando uma volta à toa.

Emily Ward cutuca minhas costas e me passa um bilhete. Como a sra. Mahone recolhe os celulares no início das aulas, temos que conversar à moda antiga, arrancando folhas do caderno.

É verdade que você impediu que Finch se suicidasse? Bj. Ryan. Só tem um Ryan na sala — alguns diriam que só existe um Ryan no colégio inteiro, talvez até no mundo —, e é Ryan Cross.

Levanto a cabeça e vejo que ele está olhando pra mim, duas fileiras adiante. Ele é lindo. Ombros largos, cabelo castanho-dourado, olhos verdes e sardas suficientes para que pareça acessível. Até dezembro, ele era meu namorado, mas agora estamos dando um tempo.

Deixo o bilhete em cima da mesa por cinco minutos antes de responder. Finalmente, escrevo: **Só calhou de eu estar lá. Bj. V.** Menos de um minuto depois, o bilhete volta pra mim, mas desta vez não abro. Penso em quantas garotas adorariam receber um bilhete de Ryan Cross. A Violet Markey da última primavera teria sido uma delas.

Quando o sinal toca, fico pra trás. Ryan demora um pouco pra sair, esperando pra ver o que vou fazer, mas quando vê que fiquei sentada, pega o celular e vai embora.

A sra. Mahone diz:

— Pois não, Violet?

Antes, dez páginas não eram nada de mais. O professor pedia dez e eu escrevia vinte. Se pedisse vinte, eu entregava trinta. Escrever era o que eu fazia de melhor, melhor até do que ser filha ou namorada ou irmã. Escrever fazia parte de mim. Mas agora escrever é só mais uma das coisas que não consigo fazer.

Não preciso dizer quase nada, nem mesmo “Não estou pronta”. Está no livro não escrito de regras da vida, no capítulo “Como reagir quando um aluno perde um ente querido e, nove meses depois, ainda está passando por um momento difícil”.

A sra. Mahone suspira e devolve meu celular.

— Entregue uma página ou um parágrafo, Violet. Ao menos tente. Minhas circunstâncias atenuantes salvam o dia.

Do lado de fora da sala, Ryan me espera. Vejo na cara dele que está tentando resolver o enigma e me transformar na namorada divertida que eu costumava ser. Ele diz:

— Você está linda hoje.

Ele é gentil e não repara no meu cabelo.

— Obrigada.

Por sobre o ombro de Ryan, vejo Theodore Finch passar como um pavão. Acena com a cabeça, como se soubesse de algo que não sei, e segue em frente.